MARIA CARMEN AIRES GOMES*
LEILA BARBARA**
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG*
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP**
Brasil
mcgomes@ufv.br , leilabarbara@uol.com.br

Processos Relacionais; analisando a representação de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira

Muito se fala sobre a forma como se representa ou se constitui um fato e/ou acontecimento midiático, ou seja, de que forma um acontecimento "bruto" é selecionado, contextualizado e avaliado por uma instância de produção midiática, tornando-o um evento noticioso. Pode-se dizer que os acontecimentos caracterizam-se, normalmente, por doses de ineditismo, intensidade, atitudes, proximidades com as circunstâncias, atores, situações, que os envolveram. Tais acontecimentos correspondem frequentemente a alguma disjunção no sistema, na rotina diária, algo inusitado, insólito, que não era previsível, ou mesmo algo programado. Dessa forma, pode-se dizer que os acontecimentos tornam-se fatos semióticos quando selecionados, contextualizados, tematizados e avaliados por sujeitos posicionados sócio-historicamente, em instâncias sócio-culturais específicas.

Neste direcionamento, Fowler (1991) afirma que os eventos instanciados pela mídia fazem parte de uma operação complexa de seleção, orientada por interesses econômicos e sócio-políticos. Isso aponta para uma construção social da notícia.

O objetivo dessa comunicação é discutir a forma como a mídia impressa brasileira (Veja, Época e Istoé) representa socioculturalmente a ministra Dilma Rousseff, para tanto, tomou-se como ponto de partida os processos relacionais (Halliday, 2004) e o Sistema de Avaliatividade (White, Martin). O objetivo principal é analisar o contexto linguístico em que ocorrem os processos relacionais mais freqüentes para, em seguida, analisar a forma como as três revistas semanais impressas brasileiras de maior circulação no país avaliam, julgam e/ou apreciam a ministra Dilma Rousseff.

Quando falamos em representação de um ator social, estamos entendendo-o como um processo em que o ser humano busca representar algum objeto ou entidade, físico ou semiótico, com base em seus interesses, decorrentes de questões culturais, sociais e psicológicas, dentro de contextos específicos, por meio de práticas sociais (van Leeuwen, 1997). O sistema de representação, portanto, é "o processo através do qual membros de uma cultura usam sistemas de significação para produzir significado."(Hall, 1997:61). Somos nós, atores sociais, que nos significamos e significamos o mundo que nos rodeia, por isso é somente por meio da linguagem que significados são potencialmente construídos em contextos sócio-históricos e culturais. Não é difícil perceber que do ponto de vista sócio-discursivo a representação é construída por sujeitos constituídos nas mais variadas práticas sócio-culturais e históricas, marcadas por relações de poder. As questões que ensejam tal discussão são como se dão tais representações? Quem as produz? A partir de quê?

É por meio de nossas práticas sociais que nos significamos e significamos o outro, atribuímos-lhe valores, representações sociais, construímos imagens ora positivas, ora negativas, seja por racionalizações, julgamentos morais, apreciações ou afetividades. Essas construções significativamente potencializadas podem na maioria das vezes ser partilhadas pelos membros de um grupo social. O fato é que interpretamos realidades e atribuímos a ela significados sócio-culturais.

Percurso metodológico

Esta pesquisa tem como base metodológica não só a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), desenvolvida por Halliday (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, 2004), mas também os estudos desenvolvidos por Peter White e Martin (2005) acerca do Sistema de Avaliatividade.. Desde os anos 60, a GSF vem se desenvolvendo como um modelo de análise lingüística que se caracteriza por uma abordagem paradigmática que tem seu foco na relação entre linguagem e contexto social.

Foram sistematizados 304 textos midiáticos, coletados no período de 2003 a 2009, em revistas brasileiras semanais de informação geral: *Veja*, *Época*, *IstoÉ*. Vale ressaltar que consideramos principalmente os gêneros jornalísticos denominados "informativos" e interpretativos: reportagens e notícias. Para tanto coletamos notícias e reportagens das revistas em sua versão on-line, tomando por base a palavra-chave "Dilma Rousseff".

Separamos então o corpus em duas fases:

- **Fase 1 (2003-2006)**- Dilma Rousseff foi nomeada Ministra das Minas e Energias e a transição para o cargo de Ministra da Casa Civil, substituindo José Dirceu, no primeiro mandato do governo Lula.
- **Fase 2 (2007-2009)** - Dilma Rousseff já atuando como Ministra da Casa Civil. Esta fase foi dividida em alguns momentos: (a) Casa Civil – Coordenadora PAC, (b) Cirurgia – pré-candidata, (c) Doença – pré-candidata, (d) Candidata à presidência.

Para a organização e tratamento dos dados, foi utilizada a ferramenta computacional *WordSmith Tools* 5.0. Inicialmente foram produzidas duas listas de palavras (*WordList*), para cada fase (1 e 2), para, em seguida, considerarmos os seguintes itens lexicais para a busca e coleta dos dados: *Dilma, Ministra, Ela, Casa Civil, Minas e Energia, Candidata, Mãe do Pac*. Levantamos assim os contextos em que estes ocorreram, por meio da ferramenta *Concordance*.

Dessas duas ferramentas – *Concordance* e *Word List* – extraímos os dados gerais do corpus.

Fases	Fase 1	Fase 2	Total
Textos	239	65	304
Tamanho do corpus em bits	52.437	90.076	142.513
Total de palavras	41.622	14.735	56.357
Total de palavras diferentes	6.748	3.525	10.273
Relação palavras/palavras diferentes (TTR)	16,21	23,92	40,13
Orações	2.362	858	3.220

Quadro 1: Informação estatística do corpus

Da lista de palavras, como foi dito, utilizamos a ferramenta *Concord*, com as seguintes entradas: *Dilma, Ela, Ministra, Casa Civil, Minas e Energia, Candidata, Mãe do Pac.* Então, selecionamos os processos que se encontravam à direta do item de entrada, para, em seguida, identificarmos os tipos de processos mais frequentes. A frequência encontra-se na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Tipos e frequência dos processos no corpus

Processsos/ itens	**Ela**	**Dilma**	**Candidata**	**Ministra**	**Mãe do Pac**	**Minas e energias**	**Casa Civil**	**Total**
Material	176	337	07	111	02	04	06	643
Mental	29	80	- 01	19	-	01	04	134
Relacional	125	259	- 17	88	-	02	07	498
Verbal	**51**	**167**	- **10**	**65**		**10**	**20**	**323**
Comportamental	7	5	3	3	-	-	-	18

Observou-se que houve uma maior realização de processos materiais, relacionais e verbais no *corpus*. Neste trabalho, como já foi dito, vamos nos concentrar nos processos relacionais porque queremos observar a forma como Dilma Rousseff é caracterizada, identificada e avaliada.

Processos relacionais

Na Lingüística Sistêmico-Funcional, a unidade de significado é o texto; uma unidade comunicativa, produzida na troca entre falantes, em contextos específicos. O Texto é produto do meio social, do contexto situacional, portanto "as características linguísticas selecionadas num texto codificarão dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediato, situacional – quem diz o quê a quem, por exemplo –, como do contexto mais geral, cultural" (GOUVEIA, 2009, p.26).

A linguagem é organizada, então, pelas metafunções (componentes funcionais da léxico-gramática), que se associam "naturalmente" às variáveis do contexto de situação. A metafunção ideacional responsabiliza-se pela realização do campo do discurso (delineação da ação social), a metafunção interpessoal pelas relações (relações sociais) e a metafunção textual pelo modo (ação verbal). Dessa forma os falantes podem interagir com os outros, representar e interpretar a experiência do mundo e organizar e construir textos significativos nos contextos de uso. A léxico-gramática então oferece os recursos para que os falantes possam realizar as funções interpessoais, experienciar o mundo e assim organizar um texto coeso, um discurso pertinente para uma dada situação comunicativa. Tendo em vista que a organização da linguagem se dá pelas metafunções, neste artigo, em função de nossos propósitos, nos delimitaremos na análise da metafunção ideacional que explica como a linguagem é usada para representar significados sobre o mundo, o modo como a realidade é representada em relação às coisas às pessoas e os lugares, enfim, sentimentos e valores. É responsável pela expressão da nossa representação e conhecimentos do mundo, está ligada, portanto, tanto ao mundo externo (eventos, acontecimentos, etc.) como ao mundo interno (pensamentos, crenças, sentimentos, etc.) (HALLIDAY, 1978, 1985, 1994, 2004).

Halliday (1978) chama atenção para o fato de essa metafunção representar o significado potencial do falante como observador, ou seja, é a linguagem falando sobre alguma coisa, seja do nosso mundo interior, seja dos fenômenos que constituem o mundo. A construção da realidade se realiza pela lexicogramática por meio do sistema que relaciona os **participantes** com os **processos** e suas **circunstâncias** dentro de uma oração; a metafunção ideacional organiza e expressa os significados experienciais. Essa realização se dá pelo Sistema de Transitividade, que considera três aspectos analíticos: (i) a escolha do processo feita pelo grupo verbal na oração; (ii) a escolha dos participantes realizada pelos grupos nominais; (iii) a escolha da circunstância, pelos grupos adverbiais (HALLIDAY, 1994, p.107). Nossa experiência é representada e organizada por meio de processos (HALLIDAY, 2004), a saber: Materiais (são os processos relativos às ações, no mundo físico), Mentais (quando pensamos e sentimos algo, são nossas experiências relativas ao mundo interior), Relacionais (são os processos vinculados à identificação, à classificação e à posse), Verbais (são os processos de dizer), Comportamentais (são processos que representam características fisiológicas e psicológicas), e Existenciais (são os processos que tratam do reconhecimento da existência de algo).

Nosso foco neste trabalho são os processos relacionais. Para Halliday (1994: 119), os processos relacionais referem-se à ordem do "ser". As orações relacionais são usadas para caracterizar e identificar. Halliday e Matthiessen (2004, p. 215) afirmam que todas as línguas possuem formas de expressar significados relacionais, os quais podem ser divididos em: 1) Intensivos; 2) Circunstanciais e 3) Possessivos. Os intensivos estão relacionados à caracterização, expressando significados do tipo X é/está Y. Os circunstanciais relacionam uma entidade a uma circunstância, expressando significados do tipo X está em/como X. Finalmente, os possessivos estabelecem uma relação de posse/pertença, expressando significados do tipo X tem Y. Essas três relações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) podem exercer duas funções dentro do sistema de transitividade: Atribuir e Identificar. O primeiro tipo expressa significados em que uma classe/ característica é atribuída a uma determinada entidade do discurso; ao passo que no segundo tipo, uma entidade tem uma identidade atribuída a ela.

Nos dados, pudemos observar que Dilma Rousseff é constantemente identificada e avaliada pela mídia jornalística por meio de processos relacionais, que são usados para estabelecer relações entre duas entidades, identificando ou atribuindo características a algo ou a alguém.

Resultados

Os resultados da análise mostram que os processos relacionais realizam funções atributivas, identificativas e caracterizadoras. Os dados apontam que os processos relacionais parecem ser utilizados na mídia analisada por meio de orações clivadas constituídas por características que se remetem à ela, além de orações verbais, em que dizentes (políticos, profissionais, especialistas) avaliam, julgam ou apreciam as ações, comportamentos e competência da ministra Dilma Rousseff, e, claro, por orações relacionais. Apresentaremos abaixo cada uma destas realizações.

Nas orações verbais, os dizentes representam a ministra Dilma Rousseff ora de forma atributiva/identificadora negativa ora positiva. Como foi dito, os processos relacionais se realizam de três formas: intensivo, possessivo e circunstancial, com base em duas funções transitivas: atribuir e identificar. Relacionando essas variáveis, observou-se uma maior incidência de três significados: intensivo-atributivo com julgamento positivo e negativo; possessivo-atributivo com julgamento positivo e negativo e intensivo-identificativo, com julgamento positivo e negativo, como se observa no quadro 2 abaixo:

Tipo de significado	Número de realizações	Avaliatividade	Dizente
Intensivo atributivo	16	Julgar – comportamento e competência de forma positiva	Lula, políticos aliados, amigos
Intensivo atributivo	14	Julgar – comportamento e competência de forma negativa (crítica e ironia)	Adversários políticos, cientistas políticos
Possessivo atributivo	10	Julgar – comportamento e competência de forma positiva	Lula, políticos aliados, amigos
Possessivo atributivo	5	Julgar – comportamento e competência de forma negativa	Adversários políticos, cientistas políticos e jornalista
Intensivo identificador	6	Julgar – comportamento e competência de forma negativa	Adversários políticos, especialistas, jornalista
Intensivo identificador	6	Julgar – comportamento e competência de forma positiva	Lula, aliados políticos e amigos

Quadro 02 – orações verbais e processos relacionais

White (2004) apresenta três categorias para a análise da valoração: atitude, engajamento e graduação. A forma como o texto ativa construções positivas e negativas e como essas construções são negociadas pode ser descritas em três campos semânticos: julgamento, afeto e apreciação. Essas atitudes podem ser ativadas de forma direta ou indireta e ainda se interrelacionarem. Enquanto o afeto é indicado de forma direta, o julgamento (comportamento, regras e moralidade) e apreciação (valor das coisas, estética, critérios e avaliações) são construídos institucionalmente (MARTIN, 2006). Os dados apontam uma maior incidência de julgamentos em relação ao comportamento e competência da Ministra. O recurso comum utilizado pelas mídias analisadas é a recorrência ao léxico atitudinal, realizado muitas vezes não só pelo uso de processos relacionais em relações características negativas dos aspectos avaliados, mas também por grupos nominais e epítetos. No caso das orações verbais, os julgamentos foram tipicamente construídos, por meio de construção verbal realizada ou vivenciada por um participante humano consciente.

Observou-se ainda grande incidência de orações clivadas que caracterizavam ações, alianças políticas e comportamentos da ministra Dilma Rousseff ora de forma negativa ora de forma positiva. Vale ressaltar que, ao usar a estrutura gramatical clivada, como por exemplo, "**O segredo do poder de dilma** é que ela o exerce como resposta às ações de Lula", o discurso da mídia topicaliza a informação, sugerindo que ela tem um segredo e

exerce o poder. O fato é que este tipo de construção coloca as características de Dilma–ministra em foco, isto é, coloca a informação de forma proeminente, como vemos nos exemplos a seguir:

Oração clivada	Processo relacional	Atributivo/identificador	avaliatividade
A atuação de Dilma na área energética também	foi	polêmica.	Julgar capacidade crítica negativa
A nova roupagem verde de Dilma	é	também uma tentativa de fazer frente às ações do governador de São Paulo.	Julgar Comportamento Crítica negativa
O maior feito atribuído à ministra na luta armada	não passa de	lenda urbana	Julgar Veracidade condenar
A candidata preferida de Lula à sucessão	é	a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma.	Julgar Capacidade positiva
O programa econômico da candidata, já desenhado pelos seus assessores,	terá	um forte viés estatizante.	Julgar capacidade crítica

Quadro 03 – Orações clivadas e processos relacionais

Nas orações relacionais, observou-se, na fase 1, quando Dilma Roussef era ainda ministra das Minas e Energias, uma significativa ocorrência de processos relacionais do tipo intensivo-atributivo, intensivo-identificador e possessivo-atributivo, como se observa no quadro abaixo:

Tipo de processo	Frequência	Função /valor
Ser (é)	21	Atributivo/identificador
Ser (não é)	1	Atributivo/identificador
Ser (era)	3	Atributivo/identificador
Estar (está)	1	Atributivo/identificador
Ter (tem)	10	Atributivo/identificador
Ter (teve)	4	Atributivo/identificador
Ter (não tinha)	1	Atributivo/identificador
		Atributivo/identificador

Quadro 04 – orações relacionais Fase1

Nos processos do tipo intensivo-identificador, Dilma Rousseff é identificada por representações/julgamentos positivos, uma vez que, na Fase 1, dentre poucas mulheres, assumiu o comando do Ministério das Minas Energias, como se observa nos exemplos abaixo:

Dilma	é	um dos melhores quadros do governo Lula.	intensivo (metáfora/lugar	identificador
Dilma	continua	a mesma. É uma mulher espetacular e será uma sargentona no governo.	Intensivo intensivo	Identificador Atribuir

Já nas orações relacionais referentes à Fase 2, quando Dilma Rousseff assume o Ministério da Casa Civil, atuando como articuladora política do Presidente e exercendo o comando da Civil, observamos uma grande ocorrência dos seguintes processos relacionais:

Tipo de processo	Frequência	Função /valor	avaliatividade
Ser (é, não seja, seja,)	55	Atributivo/identificador	Julgamento neg.
Estar (está, estão, estava, estará, esteve)	22	Atributivo/identificador	Julgamento neg.
Ter (tem)	31	Atributivo/identificador	Julgamento neg.
Ter (teve,não tem/teve/terá, tinha, teria)	30	Atributivo/identificador	Julgamento neg.
Aparecer	4	Atributivo/identificador	Julgamento neg.
Virar, tornar-se, passou a,	11	Atributivo/identificador	Julgamento neg.
Revelar, mostrar, parecer,	11	Atributivo/identificador	Julgamento neg.

Quadro 05 – orações relacionais Fase2

Podemos levantar alguns apontamentos: a mídia impressa analisada, ao usar processos relacionais com funções atributivas e identificadoras, por meio de léxicos atitudinais, constrói significados avaliativos acerca de Dilma Rousseff. Dentre os mecanismos de força, foram apresentadas ocorrências, por meio de intensificadores, léxico atitudinal, metáforas, orações clivadas, sendo que esses recursos foram aumentados quando empregados por aliados da ministra, ou diminuídos quando ditos por adversários políticos. Dilma Rousseff é avaliada/julgada pela sua tenacidade, competência e comportamento principalmente na Fase 2 quando assume o Ministério da Casa Civil e com mais ênfase quando se declara que ela será pré-candidata à Presidência do Brasil. Observou-se que Dilma Rousseff-ministra é representada pelo seu desempenho político e profissional, que, na grande maioria das vezes, resvala para atributos e comportamentos pertencentes ao campo semântico do “comando/ordem”, e poucas vezes ao campo da “possibilidade/hipótese”. Quando as matérias jornalísticas a representam em função de suas características pessoais, essas são apresentadas como resultado de experiências e lutas pessoais seja no caso da doença ou na própria militância.

Referências Bibliográficas

FOWLER, R. *Language in the news:* discourse and ideology in the press. London and New York: Routledge, 1991

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar.* 2. ed. London: Routledge, 1994.

HALLIDAY, M.A.K. An Introduction to Functional Grammar. 3rd. Edition. Revisada por Mathiessen, M.I.M. London: Arnold., 2004.

MARTIN, J.R. e WHITE, P. The language of evaluation: Appraisal in English. London: Palgrave Macmillan, 2005.

VAN DIJK, T. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, E. M. P. (Org.). **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Ed. Caminho, 1997. p. 105-168.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, E. M. P. (Org.). **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Ed. Caminho, 1997. p. 169-222.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. esp: “Análise Crítica do Discurso” org. por Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Débora de Carvalho Figueiredo, p. 178-205, 2004.